

O indígena no Brasil - 4.ª parte (final): Os mitos

Não há genocídio do dócil nativo

DO SERVIÇO ESPECIAL

Eram pardos, todos nus, sem coisa alguma que lhes cobrisse suas vergonhas. Nas mãos traziam arcos com suas setas. Vinham todos rijamente sobre o batel; e Nicolau Coelho lhes fez sinal que pousassem os arcos. E eles os pousaram. Da carta de Pero Vaz de Caminha ao rei D. Manuel

Este foi o primeiro encontro de indígenas brasileiros com homens brancos, ocorrido na quinta-feira, 26 de abril de 1500. E já neste índole dócil do indígena ressaltou: comandados, depuseram imediatamente suas armas. E não bem receberam os brancos, ajudando-os a reabastecer os navios, a erguer a cruz com as armas de D. Manuel, e tanto neles confiaram que na terça-feira, segundo o mesmo Caminha, a situação era esta:

"Estavam na praia, quando chegamos, obra de 60 ou 70, sem arcos e sem nada. Tanto que chegamos, vieram logo para nós, sem se esquivarem. Depois acudiram muitos, que seriam bem 200, todos sem arcos; e misturaram-se todos tanto conosco que alguns nos ajudavam a acarretar lenha e a meter nos batéis".

Não houve qualquer choque — nem mesmo indelicadeza — no primeiro contato do índio brasileiro com o branco. Foi depois, quando veio a doença, quando vieram os missionários que tentavam impor sua fé e quebrar as tradições dos nativos, quando a expansão nacional começou a reclamar as terras, que o índio aprendeu a odiar.

Embora houvesse aqui tribos hostis e guerreiras, a maior parte era de índole dócil. Rondon relata suas dificuldades em obter a confiança dos indígenas que já haviam tido algum contato com o branco.

No primeiro encontro os índios são quase sempre amistosos e brandos. Foi o estereótipo do selvagem, sanguinário criado pelo colonizador e desde então sempre repetido que definiu a imagem atual do índio.

A violência do índio contra o branco foi sempre provocada pelo civilizado: a ganância do garimpeiro, a intolerância do missionário, a sofreguidão do castanheiro ou a incompreensão de seculares costumes tribais constituem a razão mais profunda das chacinadas praticadas pelos silvícolas. Foi assim com os Gavião: cansados de fugir, decidiram expulsar os colhedores de castanhas de suas terras.

E foi assim com os Atoari, que em 1968 chacinaram uma expedição pacificadora chefiada pelo padre Calleri na fronteira do Mato Grosso e Roraima. Os Atoari estavam sendo atraídos para permitir a abertura de uma rodovia ligando Manaus a Caracará, em Roraima. O extermínio da expedição interrompeu a construção da estrada, mas agora novas turmas de desmatadores já entraram 6 quilômetros em território Atoari e tudo o que encontraram foram penas brancas cruzadas, sinal de que os índios querem a paz.

Quatro meses antes da chacinada da expedição do padre Calleri, um primeiro contato audacioso tranquilizou os trabalhadores na estrada.

O sertanista Gilberto Pinto Figueiredo tinha passado três meses lançando presentes sobre a aldeia dos Atoari, de avião e helicóptero. Um dia, quando passava de helicóptero sobre a taba, os índios começaram a fazer sinais amistosos, erguendo nas mãos frutas e objetos. Figueiredo decidiu pousar. De cima, o piloto de um mo-

nomotor de uma das empresas que construiu a estrada, Waldir Cerejo, viu e fotografou a descida do helicóptero do Departamento de Estradas de Rondon das Amazonas e de seus três ocupantes. Primeiro, o susto dos índios, que correram para dentro da maloca. Depois, aos poucos, foram saindo e apresentaram os brancos com arcos e flechas. Era a confraternização.

Hoje os Atoari são conhecidos no Brasil inteiro pela sua ferocidade. "Cansei de ouvir mentiras sobre essa tribo: foi a imprudência do padre Calleri que provocou a chacinada, e não o ódio dos índios aos brancos, como muitos ainda dizem por aí". Waldir Cerejo, 28 anos, hoje morando em São Paulo, continua: "Havia a maior confiança entre índios e brancos, no início. Tanto que poucos dias depois da descida do helicóptero o DER instalou numa de suas malocas uma estação de rádio com dois operadores permanentes. Eles davam conta de como ia o contato com os índios. Quando Calleri iniciou sua expedição, eles saíram".

O único sobrevivente da chacinada, Alvaro Paulo da Silva, segundo Cerejo, visitara cinco vezes a aldeia dos Atoari e conhecia bastante seus costumes. "Por isso escapou: deixou a expedição no dia 27 de outubro, três dias antes da chacinada".

No dia 27 o padre Calleri consignava em seu diário: "Perdi o melhor homem da expedição".

Alvaro Paulo da Silva, "o melhor homem", conta por que desertou:

"Aquela expedição já começou errada. Ele (o padre Calleri) mandava os índios trabalhar carregando bagagens, e só quando terminavam qualquer trabalho é que lhes dava presentes. Quando chegou, não esperou que os índios viessem até o rio: foi entrando na maloca, mas o chefe deles não deixou, dando um empurrão no peito do padre. Eu vi logo que ele não sabia lidar com índios.

"Veio então uma porção deles e enterraram suas flechas: era sinal de amizade. Traziam suas mulheres e queriam trocar as flechas pelo revolver de Calleri, que não aceitou.

"O padre também não devia ter contado as famílias com o dedo, como fez: o índio apontado pensa que vai ser morto. Para apaziguar o pessoal que ficara no acampamento, Calleri insistiu com o chefe para deixar um índio nos levar pelo mato. O chefe não gostou mas deixou. Durante a caminhada o padre fazia o índio carregar bagagem e reclamava constantemente dizendo que ele não levava pelo caminho errado.

"No acampamento", continua Silva, "havia muitos índios. Um deles estava doendo na rede. Quando o padre viu, mandou que eu o retirasse, mas eu não fui. Foi o outro mateiro, que acabou morrendo, quem retirou o índio da rede.

"Um dia o padre Calleri insistiu para que os índios ficassem perto da cachoeira para tirar fotografias. Eles ficaram furiosos, quebraram a máquina, começaram a desaparecer.

"Outra vez, quando um índio quis apanhar a espingarda, o

padre Calleri o afastou, apontando o cano contra ele. Foi nesse dia que resolvi abandonar a expedição. E fui embora mesmo no dia em que um índio tentou tirar a roupa de uma das mulheres que acompanhavam a expedição e o padre Calleri o afastou com violência".

Três dias depois os Atoari trucidavam toda a expedição. Mas hoje já deixam no caminho do sertanista as penas brancas cruzadas, numa tentativa de restabelecer a paz que eles, embora não saibam, está perdida para sempre.

E as palavras de Rondon, que já falava no "genócio dócil e inofensivo" dos indígenas, são corroboradas pelo jornalista Paterson Gomes Figueiredo ao tratar dos Cinta-Larga logo depois que esses índios mataram o sertanista Possidônio Bastos. Diz Figueiredo, em reportagem publicada no dia 4 de janeiro no "Correio Braziliense":

"A índole pacífica dos Cinta-Larga é proclamada por todos em Porto Velho. Como exemplo, há o caso do sr. José Palheta de Souza, pesquisador de garimpo, que vende as informações às empresas de mineração e que retornou no dia 26 de dezembro passado à Capital do Território após passar seis meses, com cinco acompanhantes, embrenhado nas matas. De seus 51 anos de idade, viveu cerca de 30 na selva, garimpando ou extraindo borraça, sem ter, jamais, qualquer problema com os selvagens".

Com Possidônio, foi morto também o telegrafista Acrisio. Sobre este, diz o jornalista do "Correio Braziliense":

"Um funcionário da Funai, para ilustrar que a reação do índio só advém quando há abuso por parte dos brancos, citou o caso de Acrisio, o telegrafista desaparecido com a índia Gavião Maria: assediava as índias Cinta-Larga, ocorrência que magoa os índios. Acrisio, inclusive, foi acusado de tentar violentar uma missionária holandesa batista que participava da catequese".

O GENOCÍDIO

A legislação brasileira de proteção ao índio — inspirada nos ideais de Rondon — é das mais perfeitas que existem. Em 1956 a 39.ª Conferência Internacional do Trabalho, reunida em Genebra, recomendou como orientação da política indigenista dos países com populações indígenas um documento que tinha por base, em sua maior parte, a legislação brasileira.

Mas se da fixação de uma política à promulgação de uma lei vai um grande passo, da lei à sua implementação vai um passo muito maior.

A Assembleia Geral das Nações Unidas, por meio de sua Resolução não 96, de 11 de dezembro de 1946, declarou que o genocídio é um delito de direito internacional. O artigo 2.º da Resolução, erigido em lei pelo Código Penal Brasileiro, define o crime:

"Artigo 2.º — Por meio do presente Acordo entende-se por genocídio quaisquer dos atos mencionados a seguir, perpetrados com a intenção de

destruir, parcial ou totalmente, um grupo nacional, étnico, racial ou religioso, como sejam:

- a) matar membros do grupo; b) infligir lesão grave à integridade física ou mental dos membros do grupo; c) submeter intencionalmente o grupo a condições de existência que forçosamente acarretem sua destruição física total ou parcial; d) adoção de medidas destinadas a impedir os nascimentos no seio do grupo; e) transferência forçada de crianças de um grupo a outro.

O índio brasileiro, ao longo da nossa história, foi submetido a cada um desses atos. O que, todavia, cessou com o advento de Rondon foi o dolo oficial, o endosso ostensivo de governos estaduais e empresas particulares à perseguição do índio.

A corrente ideológica que anda pelo mundo clamando contra o pretense genocídio dos índios brasileiros pode muito bem ser discípula de Montaigne (que proclamava a superioridade do índio brasileiro sobre o homem civilizado, louvando-o pela admirável simplicidade e ignorância, feliz e bom selvagem, sans lettres et sans loys, sans roy, sans religion quelconque) ou de Ronsard (Vivez, heuressent, sans peine et sans souci; — vivez heuressent, je voudrais vivre ainsi).

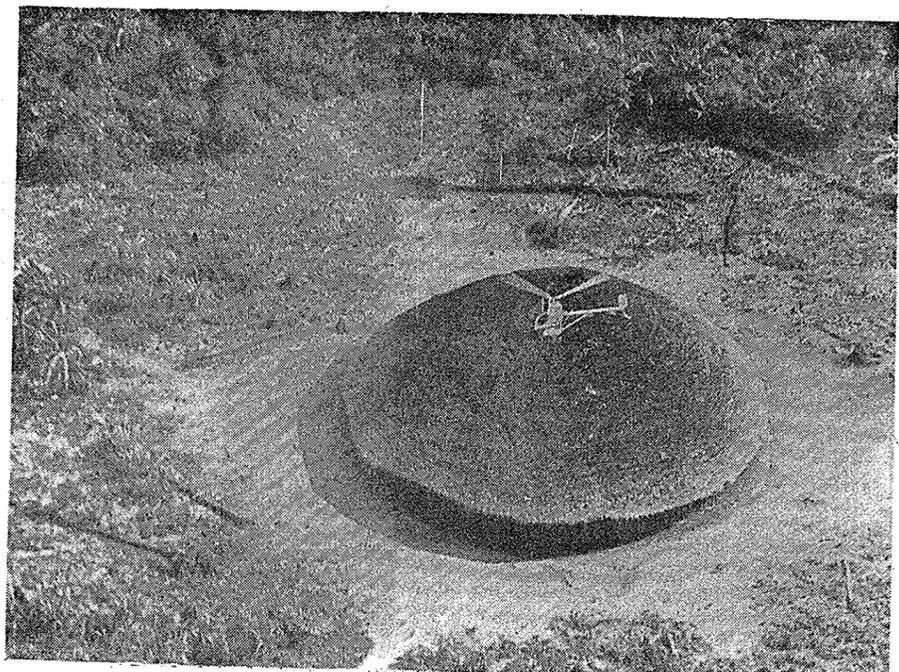
Mas por que os membros dessa corrente não se lembram também na sorte dos Quéchuas, Aimará, Guarani, Puelguino, Chiriguano, Jivaro, Araucano, Asteca, Maia, Inca, Iroqués, todos os incolos que vivem como Deus sabete neste continente, desde a Patagônia até o Canadá?

Invocamos o Canadá, membro hiperdesenvolvido da Comunidade Britânica, onde vivem centenas de milhares de índios. Em que condições se acham? Os estão os embaixadores, os líderes políticos, os mestres universitários, os jornalistas, os livros que representam a cultura índia canadense?

Também ninguém fala da situação dos indígenas do México, da América Central, da Venezuela, do Chile e do Peru, onde já floresceram brilhantes civilizações pré-colombianas e cujos representantes atuais se acham condenados, agora sim, a um genocídio cultural e social acabrunhante. Não esquecendo a Argentina, que chega ao esculpido de esconder a existência de índios que já vestia. Será apropriado dizer que em toda a terra de América se deu uma feliz aculturação de seus povos primitivos?

Data de 1963 a notícia da chacinada de índios Cinta-Larga no paralelo 11; data do início de 1964 a notícia da invasão de terras indígenas no Rio Grande do Sul por colonos insuflados pelo então governador Leonel Brizola. Ocorreram, portanto, antes da Revolução de 1964 as últimas ações criminosas mais graves contra os índios brasileiros.

Que o desenvolvimento econômico excepcional conseguido pelos governos da Revolução tenha atraído a atenção mundial para o nosso País é fácil de entender. Como também é fácil de entender que a velha "nova esquerda" internacional decida dispor do destino dos nossos silvícolas como bandeira para as campanhas que visam deturpar a imagem do Brasil no exterior. Mas se essa posição é injusta, mais justa não é a da Funai, que cometendo erros na forma pela qual equaciona o problema das nossas tribos mais e mais se afasta dos ideais de Rondon que em 1916 propunha que as populações indígenas ainda em isolamento fossem poupadas as "calamidades e cruzes sofridas pelos habitantes de outras regiões".



O helicóptero desceu na taba dos "perigosos" Atoari...

Foto Waldir Cerejo

A educação, pretexto para a revolução

GUSTAVO CORÇAO

Em todo o mundo a Conspiração contra Deus e contra o homem se vale dos prestígios da educação e dos meios de comunicação para destruir a civilização e o cristianismo; mas posso hoje dizer que é na pobre América Latina que se concentra a fúria destruidora dessa Conspiração. Não há a menor possibilidade de dúvida: a América Latina é o objetivo visivelmente cobijado pelo movimento revolucionário formado hoje pela convergência do socialismo marxista e do liberalismo das esquerdas norteamericanas.

E o processo desencadeado é o que se vale dos ídolos dos meios de comunicação e da eficiência posta a serviço da educação. Quem ousará atacar e denunciar grupos de homens que só falam em ensinar, educar, comunicar? Quem ousará cobrar desses homens a verdade que pretendem ensinar, a formação que pretendem transmitir, a orientação espiritual de todas as suas atividades? Pretendo eu hoje ousar coisas tão simples, e diante do material que tenho amontado em minha mesa pretendo levar um pouco mais longe a ousadia.

De início informo ao leitor que tenho em cima de minha mesa de trabalho a própria cordilheira dos Andes, tantos são os impressos, os opusculos, as revistas sobre Educação e América Latina. Por onde começarei? Esbocei um artigo que começava pela revista bimensal "ERUCACION HOY", com subtítulo "Perspectivas Latino-Americanas". Com excelente apresentação gráfica tenho doze volumes de oitenta páginas, e portanto mil páginas escritas por personagens de toda a América Latina sobre "Educação hoje". O que será isto? Já sabemos que o termo "hoje", em português ou espanhol é uma espécie de clave com sustentidos e bemóis que dão o tom da Revolução mundial. "Hoje" quer dizer repúdio de todo o passado humano e promessa de um futuro mirífico. Tive de vencer a tentação de escrever oitenta volumes sobre essa filosofia de mau pagador, mas logo no número 1, fevereiro de 71, o Editorial me fascinou com este título que me ameaça pessoalmente: "Nuestra meta: el hombre latinoamericano".

La comecar um livro sobre este tema quando no número 2, março-abril 71, li hipnotizado: "El lenguaje total", e disse, já em posição de defesa: isto é comigo. Deter-me-ei neste assunto ou procurarei saber, nas 1000 páginas o que entendem eles por Educação Libertadora ou até, mais simplesmente, o que entendem por libertar? Uma primeira leitura dinâmica induz-me a crer que libertar, para os vários educadores católicos latino-americanos envolvidos nessa patuçada semi-continental, é qualquer coisa como construir muros de Berlim, ou como arruinar o Chile. Falarei sobre "Educação Permanente" ou sobre "La Educación via Satellite". Ou quem sabe se não seria melhor começar pelo tema da "Conscientização" abordado por nosso Paulo Freire no número 4 de "Educação Hoy"?

Perdido na cordilheira de assuntos andinos ia tentar uma metódica catalogação dos assuntos e autores de "ERUCACION HOY" quando num movimento sísmico das montanhas impressas surgiram dois opusculos de outra coleção IGLESIA NUEVA. Na contracapa leio este credo condizente com o nome da revista:

TENEMOS FE: In Dios, en los hombres, en los valores, y en el futuro de América Latina.

Estamos visivelmente diante de uma nova religião que investe contra o cristianismo. A América Latina é "hoj" a nova Artemis dos Efesos dos Andes. E essa divindade, que enfaixa subentidades chamadas CELAM, CLAR, D. M. C., CENEPI, INDO-AMERICAN PRESS SERVICE, e outras, parece irada contra o Apóstolo Paulo e toda a velha Igreja de Anjos, Santos, Catedrais, Cruzadas e demais realizações. Ora, no 11 de IGLESIA NUEVA quem encontramos nós na capa? Os dois bonzos: Comunicación Social y Educación. Falarei da Cooperación Interamericana e na contribuição de Mr. Thomas Quigley e de nosso Dom Candido Padim? Novo terremoto na cordilheira de revistas pême diante dos olhos "Mensaje" com uma interrogação estridente na capa: "Después del latifundio que?" e "El mensaje del Cardenal: Mi fe está en crisis".

Detenho-me a cogitar: que Cardeal não estará "hoj" em crise de fé? Ia lançar na esta a crise de fé de não sei que cardeal quando a página 561 se escancarou ao acaso e exibiu embaixo a obscenidade: "Centro de Investigación y Desarrollo de la Educación". Exausto, ia convocar uma equipe para examinar minha cordilheira de crises latino-americanas, e já desistira de começar meu artigo, com receio de amanhecer agarrado ao papel, quando um novo abalo de terra me pôs nas mãos um opusculo muito bem plastificado, e com a provocante sigla CIEC que quer dizer Conferencia Interamericana de Educación Católica, e o título: METODOLOGIA PARA UMA EDUCACION LIBERADORA.

Folheando o caderno vi que se tratava do Documento Final del Seminario ocurrido em Lima-Peru-X 1971. Decidi-me: começarei meu artigo por este

"Documento final". Mas vejo que esgotel o espaço, e apertulo para enunciar a tese cuja demonstração começarei sábado, e não sei quando a encerrarei. A tese é esta: todo esse material, e principalmente este "Documento final" provam que a Revolução na América Latina está desencadeada sob os difíceis da Religião e da Educação. Tudo é pretexto para o feroz programa empreendido por uma diabólica Conspiração.

O leitor, evidentemente, poderá dizer que eu exagerei, e poderá dormir tranquilo porque o Brasil, desde Dom João VI e desde a Independência deixou de ser América Latina para ser simplesmente Brasil. O meu receio é que durmam brasileiros demais, e que amanhã ou depois eu acorde com a cordilheira dos Andes no esguio quintal onde cumprio, indo e vindo, meus três quilômetros por dia. Sábado voltaremos ao CIEC.

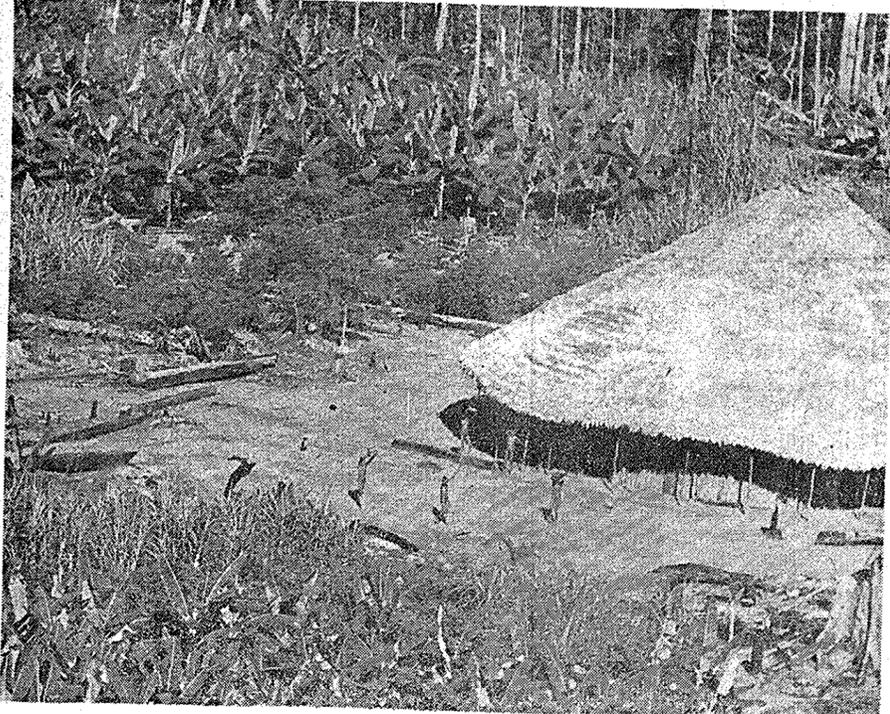


Foto Waldir Cerejo

... só depois dos sinais de paz feitos pelos índios